

A grande chama de Abguar Bastos



Abguar Bastos

O próximo dia 22 de novembro marcará o centenário de nascimento do paraense Abguar Bastos, falecido em São Paulo, a 26 de março de 1995. Seu exemplo de vida e a vasta e profunda obra literária que nos legou colocam-no entre os vultos que merecem ser sempre lembrados pelas novas gerações. Romancista, poeta, folclorista, sociólogo, historiador, conferencista, teatrólogo, jornalista, tradutor, político, administrador, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Pará e de São Paulo, membro honorário da Associação Brasileira do Folclore, membro fundador da antiga ABDE, hoje UBE – União Brasileira de Escritores, Medalha de Mérito Cultural do MEC, Medalha Imperatriz Leopoldina, conferido pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Prêmio Intelectual do Ano de 1987

(Troféu Juca Pato), foram algumas das honrarias recebidas. Homem de convicções e de luta, foi deputado federal pelo Pará em 1934 e por São Paulo em 1955, fundou a Frente Parlamentar Nacionalista, cujo primeiro manifesto, de sua autoria, leu da tribuna no início de junho de 1956. Lançou, na Amazônia, o Manifesto Flaminaçu (em tupi, “grande chama”), ponto de partida de uma corrente literária renovadora, que acabou por integrar o movimento modernista. Abeguar Bastos Damasceno, ou simplesmente Abguar Bastos, como se fez conhecido, partiu desta vida há 7 anos, mas deixou do lado de cá amigos e seguidores. Por tudo isso, O Escritor, na passagem do centenário de nascimento do grande brasileiro, não poderia deixar de prestar-lhe esta justa homenagem.

Perfil do memorável Abguar Bastos

Caio Porfírio Carneiro

Impossível falar de Abguar Bastos nestas pinceladas de figuras de nossas letras que conheci e que não chegaram ao terceiro milênio. Ele quase alcança. Nascido em Belém, em 1902, faleceu em São Paulo aos 92 anos de idade. Fui à sua festa dos 90 anos. Disposto, alegre, trabalhando como um jovem, fez um belo discurso e convidou-nos todos, ali presentes, para a sua festa dos 100 anos.

Abguar esteve sempre ligado à Associação e depois à sua sucessora, União Brasileira de Escritores, exercendo, por mais de uma vez, a vice e a presidência das duas entidades.

Sempre de óculos quase escuros, para esconder algum defeito visual, era de estatura mediana, sério, comedido nos gestos, pouco expansivo. Numa roda de conversa, expressava-se com elegância e desenvoltura, como se medisse as palavras, embora espontâneas, revelando, de pronto, sua inteligência e talento. Para o meu gosto era um contista razoável e um romancista bem melhor. O romance Safrá, sobre tema amazônico, reeditado e traduzido para o espanhol, era o melhor deles. sua poesia, de tendência à exaltação, de ótima qualidade. Mas sua vocação era outra.

Embora tenha deixado a terra natal na década de trinta, por motivos políticos, sua alma e suas criações estariam sempre presas ao visgo do seu chão geográfico. Sociólogo, historiador, etnólogo, deixou uma obra monumental sobre a vida e costumes amazônicos.

Não faltava a um lançamento de livro a que fosse convidado. Era um homem de polidez à antiga, feita de cortesias caladas.

Minha convivência com ele foi de longos anos, e secretariei as suas gestões na presidência da UBE. No Museu da Imagem e do Som do Escritor, fundado na entidade por Aluysio Mendonça Sampaio, Jorge Rizzini, Henrique L. Alves e por mim, gravamos, em entrevista livre, dois cassetes sobre sua vida. A certa altura do depoimento, informou:

– Fui quase noivo, em Manaus, de uma moça muito bonita de nome Jaci, filha do Dr. Virgílio de Barros, um figurão da terra. Isso em 1928 e 1929. O velho era um grande obstáculo ao namoro devido às minhas idéias. Nunca mais a vi.

Espantei-me, a gravação correndo:

Espere, Abguar. Acho que esse Dr. Virgílio de que você fala é o pai da minha cunhada Mariazinha, mulher do Manoel, meu irmão mais velho.

Olhou-me curioso:

– Lembro-me dela. Era uma criança.

Resultado: reatou a amizade com a minha cunhada e ficou sabendo tudo sobre a sua amada Jaci, envelhecida, viúva, morando no Rio. Não trocaram nenhuma correspondência, mas ambos ficaram sabendo como se desenrolou a vida de cada um ao longo de tanto tempo. Por conta dessa aproximação, Abguar prefaciou um dos livros do mano Manoel.

Reatei sua amizade com o escritor Braga Montenegro, que viveu parte de sua juventude no Amazonas e se conheceram nas rodas literárias de Manaus. Numa das minhas vindas a Fortaleza, Mestre Braga me agradeceu:

– Você trouxe de volta meu velho amigo Abguar. Eu nada sabia dele há muitas décadas. Apenas que chegou a ser deputado federal.

Passaram a trocar correspondência até a morte do Braga.

Abeguar Bastos Damasceno (esse o seu nome de batismo), além de escritor de mérito, foi de fato deputado federal pelo antigo PTB, militante ativo da Frente Parlamentar Nacionalista, e exerceu o cargo de representante diplomático do Brasil em Varsóvia. Sua bio-bibliografia é riquíssima. Retrato de um homem que

deixou um rastro luminoso ao longo da sua vida de quase um século.

Militou sempre na esquerda, com decisão e firmeza, muito embora, sendo amigo do Prestes e tendo escrito um livro excelente sobre o líder comunista, nunca entrou para o Partido.

Quando alguém falava em religião ou vida após a morte, ele cortava com poucas palavras:

– Eu tenho sobre isto umas idéias só minhas.

Conhecia, de perto, os costumes tribais da região norte do País, escreveu livros e publicou artigos sobre o assunto. Era tão apegado a isto que – não sei por quê – sempre me ficou a impressão de que ele acreditava em alguma coisa de pajelança ou o que quer que seja ligado aos mitos indígenas. Sinais sensíveis dos seus ancestrais, neto que era de avô de puro sangue guarani, dos tempos da Guerra do Paraguai, na qual o seu avô se destacara. Quem sabe?

Fortaleza, 31/01/2000 – às 16 hs.

(Texto Extraído do livro *Perfis de memoráveis – Autores brasileiros que não alcançaram o terceiro milênio*, RG Editores, São Paulo/SP, 2002.)

O arauto de boas-novas

Nicodemos Sena

A Semana de Arte Moderna de 1922, que estourou como um vulcão em São Paulo, provocou tremores em todo o Brasil. No Pará, os espíritos argutos de Abguar Bastos e Bruno de Menezes imediatamente cerraram fileiras com “os meninos” de São Paulo. Nas páginas da revista *Belém Nova*, dirigida por Bruno, Abguar lançou, em 1927, o importante Manifesto aos Intelectuais Paraenses, mais conhecido como Manifesto Flaminaçu (na ortografia antiga, *Flamin-Assu*, ou seja, Grande Chama, em tupi). Tratava-se de um grito de rebeldia contra as cópias melancólicas e um convite ao retorno às coisas da Amazônia.

Mesmo 73 anos depois, o Manifesto Flaminaçu não se tornou apenas uma curiosa peça literária do passado. Na atual fase do colonialismo à qual ainda estamos subjugados – que se convencionou chamar de “globalização” – as palavras de Abguar Bastos continuam, mais que nunca, oportunas (Leia-se Box, com trechos do Flaminaçu).

O evolucionismo positivista que fundamenta o nacionalismo desse notável escritor paraense não retira de suas palavras, escritas no começo do século passado, o frescor dos pensamentos novos, capazes de suscitar reflexão crítica. Isso porque podem até desaparecer as fronteiras visíveis da política e da economia, mas as diferenças do mundo invisível da cultura não se eliminam impunemente. Fica cada vez mais claro que o desprestígio da expressão local, das marcas do tempo, do vento e da terra, a pretexto de alcançar-se um elevado universal, não passa de imposição totalitária de culturas velhas, esgotadas, agonizantes. Perguntado sobre o que achava do regionalismo, o romancista paraense Sant'Ana Pereira, autor de *Invenção de Onira* e *Os Saporás*, respondeu, com muita razão: “Li

de Gabriel Garcia Marquez, de Milan Kundera, de Jorge Amado, que o mundo de cada um de nós é o mundo de todos os homens. Nasci aqui, aqui me criei, é isto que conheço. Vou falar de quê e de quem senão daqui e de nós? Ouvi de um empresário japonês: ‘O homem é o mesmo em qualquer parte do mundo’. Penso que, com regionalidade ou regionalismo, podemos ser universais, desde que o façamos com engenho e arte”. E a prova disso é que Tolstói expressou a “alma russa” em *Guerra e Paz*, assim como Guimarães Rosa transportou o sertão das Gerais para as páginas de *Sagarana* e *Grande Sertão: Veredas*. Ouso afirmar que o “regional” e o “universal”, assim como a “humanidade”, em arte, não passam de abstrações vazias. Não existem. O que há é o ser humano concreto, que nasce, cresce e morre em algum lugar. Captar esse homem, que o próprio escritor traz dentro de si mesmo, com suas alegrias e tristezas, esperanças e decepções, heroísmos e vilanias, deve ser o objetivo do artista que se deixa conduzir pela “Grande Chama” preconizada por Abguar Bastos.

Exemplificando a sua tese modernista, Abguar Bastos escreveu o romance *Terra de Icamiba* (1931), que obteve repercussão nacional, com elogios de Agripino Grieco, Plínio Barreto, Fábio Luz, Eloy Pontes, Brito Broca e outros conceitos críticos da época. Wilson Martins, em sua *História da Inteligência Brasileira*, afirmou que o personagem Bepe é mais consequente, em termos de tipicidade, do que Macunaíma, do paulista Mário de Andrade.

E, por falar em Mário de Andrade, recorde de uma crônica deliciosa que Abguar escreveu, intitulada *Mário de Andrade, o coraçao sem mágoas*, pela qual fiquei sabendo que o paraense, a partir de *Paulicéia desvairada*, escrito sob influências de Verhaeren, passou a admirar Mário de Andrade, enquanto, ao mesmo tempo, admirava *Os condena-*

dos, da trilogia de Oswald de Andrade, mettendo-se, com isso, em renhida polêmica, em virtude da obra, com seu amigo Bruno de Menezes.

Mário e Oswald significavam para ele grandes intérpretes da revolução modernista, sem esquecer o saudoso Menotti Del Picchia, que se immortalizara com *Juca Mulato*.

Estava abguar, pelas alturas de 1928, em Coari, no rio Solimões, no Amazonas, quando ali desembarcaram por algumas horas dona Olívia Guedes Penteado, que vinha aureolada como “Rainha do Café”, duas sobrinhas e Mário de Andrade. Lendo os jornais, Abguar ficou sabendo que Mário

vinha como secretário da “Rainha”, o que o desgostou profundamente, dada a sua importância intelectual. Tão aborrecido ficou Abguar que não fez questão de ser apresentado ao paulista, o qual, segundo o paraense, trazia uma máquina fotográfica a tiracolo.

Em 1956, já no Rio, Abguar Bastos começou a elaborar o romance *Safra*, baseado, em princípio, nos autos de um crime por questões de terra. Resolveu então encaixar no romance uma sátira contra Mário de Andrade, que nele aparece sob a pele de Mário d’Almeida, por não lhe perdoar o papel de secretário da ilustre “Rainha do Café”. Num dos capítulos, Mário d’Almeida espia o lago, as suas lonjuras, enquanto as sobrinhas da “Rainha” lhe cobram que prometera mostrar-lhes a cobra-grande, o curupira, o mapinguari, a mãe-d’água.

Em São Paulo, os adversários de lides literárias e principalmente os que não aceitavam os padrões modernistas, serviram-se

do episódio para propalar o capítulo, para a irritação de Mário.

Certa tarde, Abguar ia passando pela Cinelândia, no Rio, quando ouviu chamarem-no de uma das mesas do “Amarelinho”, pitoresco bar da época. Era Clóvis Barbosa rodeado de outras pessoas, que Abguar não

reconheceu de pronto. Somente ao aproximar-se é que viu Mário de Andrade fazendo parte do grupo. Abguar cumprimentou-o. Mário respondeu-lhe secamente, pediu licença e retirou-se.

Anos depois, já morando em São Paulo, Abguar foi convidado à reunião na qual se projetava fundar a Associação Brasileira de Escritores, no oitavo andar de um edifício da

Rua Álvares Penteado ou 15 de Novembro. Encontrou a sala de entrada vazia. Procurou outra sala ao lado e aí se deparou, sozinho, sentado, com o Mário de Andrade. Cumprimentou-o. Mário respondeu, sem enfado. Abguar sentou-se. Então Mário fez uma pergunta sobre a oportunidade da Associação. Já parecia afável. Os dois começaram a conversar sem ressentimentos. Dentro em pouco pareciam velhos amigos.

Durante a reunião, Mário mostrou-se cordial com as propostas de Abguar. Ao sair, num gesto surpreendente, Mário de Andrade virou-se para Abguar Bastos e lhe disse: “Vamos tomar um chope no Franciscano?”. Estava alegre, como se a reconciliação o reconfortasse.

E ficaram amigos para sempre.&

NICODEMOS SENA é escritor e jornalista paraense radicado em São Paulo; autor de *A Espera do Nunca Mais* (Editora Cejup, 1999 – Prêmio Lima Barreto-Brasil 500 Anos, UBE-RJ). E-mail: nicosena@iconet.com.br

Trechos do Manifesto Flaminaçu

“Assunto-vos agora o meu propósito de uma corrente de pensamento, cara à cara à que se inicia no Sul com esta pela genuína: Pau-brasil. (...) Rasgaram, pois, as redes do passadismo e deixaram passar a piracema da mais alta expressão da independência emocional. Houve balbúrdia, como em chinfrim de toska, mirabolante até, num grande revoar de papagaios arrepiados, papagaios teratológicos, porque tinham dentes de ouro no bico e poleiros de jacarandá. Pesar disso, noto, inflexível, que o repiquete ‘pau-brasil’ ainda não é o próprio volume da nacionalidade. (...) FLAMIN-N’-ASSU é mais sincera porque exclui, completamente, qualquer vestígio transoceânico, porque textualiza a índole nacional; prevê as suas transformações étnicas, exalta a flora e a fauna exclusivas ou adaptáveis do país, combate os termos que não externem sintomas brasílicos, substituindo o cristal pela água, o aço pelo acapu, o tapete pela esteira, o escarlate pelo açaí, a taça pela cuia, o dardo pela flecha, o leopardo pela onça, a neve pelo algodão, o veludo pela pluma de garças e sumaúma, a ‘flor de lotus’ pelo ‘amor dos homens’... Arranca dos rios as maravilhas ictiológicas; exclui o tédio e dá, de tacape, na testa do repantismo; virtualiza o Amor, a Beleza, a Força, a Alegria, os heróis das planícies e dos sertões e as guerras de independência; canta ruidosa os nossos usos e costumes, dando-lhes uma feição de arrogância curiosa. E, assim, FLAMIN-N’-ASSU marchará, selvas a dentro, montanhas acima, conservadora, patriótica, verde-amarela. FLAMIN-N’-ASSU não é um estorvo aos grandes charivaris da civilização: Não! Ela admite as transformações evolutivas. O seu fim especialíssimo e intransigente é dar um calço de legenda à grandeza natural do Brasil, do seu povo, das suas possibilidades, da sua história. Entrego aos meus irmãos de arte o êxito desta iniciativa, lembrando que o Norte precisa eufonizar n’ampidão a sua voz poderosa!”.

Bibliografia de Abguar Bastos

Romances: *A Amazônia que ninguém sabe*, 1930/Belém – 2ª edição, 1934/Rio, com o título *Terra de Icamiba*, romance da floresta; *Certos caminhos do mundo*, romance do Acre, 1936/Rio; *Safra*, romance da Vila, 1937/Rio, e 2ª edição, em 1958; publicado na Argentina, em 1939, com o título *Zafra*.

Novela: *Somanlu – O viajante da estrela* (1953/Rio).

Estudos e ensaios: *Prestes e a revolução social*, 1946/Rio e 1986/São Paulo; *A conquista acreana*, 1940/SP; *As tribos em guerra na África e seus antepassados no Brasil*, 1970/SP; *História da política revolucionária no Brasil: 1900/1932*, 1969/Rio, e 2ª edição em 1973; *Os cultos mágico-religiosos no Brasil*, 1970/SP.

Trabalhos folclóricos: *Introdução à litofábula*, 1967/Rio; *El simpático Saci Pererê*, 1980, Buenos Aires; *A África em nossa linguagem, costumes e cultos*, 1982/SP; “Natal com gosto de Brasil”, 1987/SP; *Abaporu – Movimento Antropofágico*, *Tarsila*, 1984/SP.

Poesia: *Nurandalu-guaburabara, herói indígena*, balada épica sobre a viagem de Orellana ao Rio Amazonas, 1968/SP; *Memorial da liberdade*, 1984/SP.

Outros livros: *A visão histórica-sociológica de Euclides da Cunha*, 1986/SP e *Pantofagia ou as estranhas práticas alimentares na selva*, 1987/SP; *Vozes do acontecido*, crônicas, 1992. Abguar deixou 23 obras inéditas; está incluído em cerca de 200 obras, dentre as quais muitas antologias.